

# O CONTROLE DAS PAIXÕES E AÇÕES MEDIANTE O HÁBITO SEGUNDO DESCARTES

## *THE CONTROL OF PASSIONS AND ACTIONS BY HABIT ACCORDING TO DESCARTES*

Marcos Antonio Alves<sup>1</sup>  
Josiane Gomes de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Desenvolvemos uma análise crítica da relação mente-corpo, em particular, da mútua influência entre paixões da mente (emoções) e movimentos do corpo (ações), com vistas a explicar a possibilidade do controle de ambas, segundo a concepção cartesiana. Explicitamos as características e funções próprias do corpo e da mente e da conexão entre eles. Mostramos como é possível o controle das emoções e das ações, ressaltando o papel do hábito neste propósito. Finalizamos o artigo esboçando algumas críticas à abordagem apresentada.

**Palavras-chave:** Emoção. Ação. Hábito. Problema mente-corpo.

**Abstract:** We develop a critical analysis of the mind-body relation, in particular of the mutual influence between passions of the mind (emotions) and body's movements (actions), aiming to explain the possibility of their control, according to Cartesian conception. First, we make explicit the characteristics and functions proper to the body and mind and the connection among them. After that, we show how the control of emotions and actions is possible, stressing out the role of habit for this purpose. Finally, we outline some critics to the Cartesian approach.

**Keywords:** Emotion. Action. Habit. Mind-body problem.

### 1. Introdução

Neste trabalho desenvolvemos uma análise crítica da abordagem cartesiana sobre a relação mente-corpo, em particular, da mútua influência entre emoções e ações, visando explicar como obter o controle das paixões (emoções) da mente e dos movimentos físicos (ações). Descartes desenvolve um dualismo segundo o qual mente e corpo, embora substancialmente distintos, estão em constante interação causal. Para mostrar como este filósofo explica essa relação, prestamos maior atenção à existência de diferentes formas de

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP/Marília. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília em 1999. E-mail: marcosalves@marilia.unesp.br

<sup>2</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP/Marília. E-mail: josy.olvr@hotmail.com

paixões e suas relações com o físico. Baseamos nossa análise em algumas das suas principais obras, tais como “Discurso do Método”, “Meditações” e, principalmente, “As Paixões da Alma”. Nesta última obra, o autor delimita as diferenças e a relação entre corpo e mente, além de mostrar como esta é capaz de dominar as suas paixões e os movimentos daquele.

Para alcançar nosso propósito, na primeira seção deste artigo expomos a natureza do corpo e da mente e as suas respectivas funções. Na segunda seção, apresentamos as ações e as paixões da mente e como estas podem exercer influência tanto no físico quanto no mental. Na terceira seção, tratamos do controle das paixões e a importância do hábito para o sucesso deste empreendimento. Na quarta seção, descrevemos a conexão entre corpo e mente e por quais meios eles se influenciam, possibilitando o controle das emoções. Mostramos como, segundo Descartes, uma substância imaterial poderia interferir nos movimentos de uma entidade física e como esta pode causar certas paixões naquela. Isso exige a explicação de como duas substâncias de natureza opostas poderiam interagir. Mostramos que, para o filósofo em questão, tal interação acontece através da glândula pineal. Para finalizar o artigo, dirigimos algumas críticas à proposta do filósofo francês.

## **2. Concepção de corpo e de mente**

Desde a Antiguidade, muitos filósofos, a exemplo de Platão e Aristóteles, trataram da natureza da mente. Na Idade Moderna, Descartes (1999a, 1999b, 1999c) propôs uma perspectiva a respeito do assunto que acabou tendo grande influência nos estudos sobre a mente e sua relação com o físico. Este pensador procura delimitar as diferenças e as relações entre ambos, além de apresentar um estudo sobre as emoções, seus efeitos sobre o ser humano e fazer uma descrição física mecanicista.

Para Descartes (1999b), as paixões (emoções, percepções, sentimentos) podem ser causadas pelos movimentos físicos, através dos espíritos animais. A mente, por sua vez, pode influir no controle do corpo, sem confundir-se com este, mantendo forte influência sobre os seus movimentos. Devido a esta conexão, diz Descartes (1999b, p.106, Art. 02), “[...] não existe melhor meio para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que

analisar a diferença que há entre a alma e o corpo, para saber a qual dos dois se deve imputar cada uma das funções existentes em nós”. Nesta seção, expomos, inicialmente, a concepção cartesiana acerca do corpo humano e, em seguida, as principais características da mente, espírito ou alma, o que não distinguiremos neste trabalho, seguindo indicações do próprio Descartes (1999c, p. 243).

Pertencem ao corpo certas faculdades, como a de locomoção física, e características biológicas, como a digestão. Ele é uma substância extensa, ou seja, ocupa lugar no espaço, é divisível, corruptível, mortal, segue leis físicas. Por ser divisível, pode sofrer alterações em suas partes, sem deixar de ser um corpo. Assim, por exemplo, ao perder um de seus membros, como o braço, embora, não seja mais o mesmo de antes, ele continua sendo um corpo, o meu, inclusive.

Os movimentos dos membros corpóreos dependem da distribuição de seus órgãos e, principalmente, da quantidade e velocidade dos espíritos animais que chegam até os músculos. Os espíritos animais são pequenas partículas sanguíneas que chegam até o cérebro para nutrir e conservar sua substância. Conforme Descartes (1999b, p. 111, Art. 10), “[...] o que chamo aqui de espíritos não passam de corpos e não possuem nenhuma outra propriedade, afora a de serem corpos muito pequenos e se moverem muito rapidamente, assim como os elementos da chama que sai de uma tocha [...]”.

À medida que os espíritos animais vão para o cérebro, eles se deslocam para os pequenos orifícios lá existentes. Em seguida, seguem para os nervos, onde entram mais em uns do que em outros, de acordo com o diâmetro deles. Os nervos cujas espessuras são ou estão maiores recebem, proporcionalmente, maior quantidade desses espíritos. Conforme Descartes (2009, p. 271):

Ora, à medida que esses espíritos entram dessa forma nas concavidades do cérebro, eles passam de lá para os poros da substância, e desses poros para os nervos, onde, conforme eles entram ou mesmo somente tendem a entrar mais em uns do que em outros, eles têm a força de alterar a forma dos músculos, nos quais os nervos estão inseridos, e por esse meio de fazer moverem-se todos os membros [...].

Na ótica cartesiana, o estudo explicativo dos movimentos corpóreos funda-se, principalmente, no contínuo calor do coração e pela presença dos espíritos animais distribuídos pelo corpo. Eles interferem concomitantemente nas funções musculares e

permitem os movimentos físicos involuntários ou automáticos, que ocorrem sem o auxílio ou interferência causal do pensamento, em especial, da vontade. Não precisamos, por exemplo, lembrar a todo instante da necessidade de piscar, baseados na ideia de que, se isso não ocorrer, os olhos secarão. Repetimos esse gesto inúmeras vezes ao dia, a maioria delas quase sem perceber, de modo a estabelecer um automatismo fisiológico.

Os movimentos involuntários dependem da conformação dos membros e do curso que os espíritos, estimulados pelo calor do coração, seguem naturalmente do cérebro para os nervos e os músculos. Isso acontece, por exemplo, ao respirarmos, andarmos, comermos e, enfim, ao praticarmos ações que são comuns a nós e aos outros animais, simples autômatos, máquinas sem pensamento, na concepção cartesiana. Para Donatelli (2008, p. 641),

A explicação cartesiana do corpo, considerado como máquina, necessita de um motor que possibilite todas as funções fisiológicas, e esse motor encontra-se no fogo cardíaco que, por um processo semelhante à fermentação, faz que o sangue entre em ebulição e distribua pelo corpo por meio das artérias.

O mecanismo corpóreo pode ser comparado ao movimento de um relógio, produzido exclusivamente pela força de suas molas e pelo formato de suas engrenagens. O corpo saudável é como um relógio bem regulado, funcionando adequadamente.

Descartes estava profundamente interessado nos aspectos fisiológicos e na conservação da saúde do corpo, a fim de mostrar as suas funções e, como apontaremos na terceira seção, comprovar que as paixões influem na e são influenciados pela mecânica física. Antes de abordarmos o assunto, apresentamos, a seguir, as características próprias da mente.

A mente não ocupa lugar no espaço, é indivisível, incorruptível, imortal, não segue leis físicas. Pertencem a ela certas faculdades como pensar, raciocinar, duvidar, conceber, afirmar, negar. Em particular, ela possui certas paixões, como alegria, tristeza, fome, sede, amor, desejo, entre outras.

Na concepção cartesiana, a mente é indivisível, tanto no sentido ontológico, quanto no sentido estrutural. Neste último sentido, o filósofo se distancia dos seus antecedentes medievais, como, por exemplo, Santo Tomás de Aquino (1942). Amparados na

perspectiva de Aristóteles (2006), eles dividem a alma em vegetativa, sensitiva e racional que, por sua vez, também possui subdivisões.

No sentido ontológico, a mente jamais poderia ser divisível. Isso porque a possibilidade de sua divisão propiciaria uma relação com a extensão, pois aquilo que é divisível ocupa lugar no espaço. Para Descartes (1999b, p.123, Art.30), a mente

[...] é de uma natureza que não apresenta relação alguma com a extensão nem com as dimensões ou outras propriedades da matéria de que o corpo é constituído, mas somente com o conjunto de seus órgãos, como é evidenciado pelo fato de não podermos conceber a metade ou um terço de uma alma, nem qual extensão ocupa, e por não se tornar ela menor ao se cortar qualquer parte do corpo, mas separar-se completamente dele quando o conjunto de seus órgãos se desfaz.

Por conseguinte, ainda que ocorra a retirada de qualquer parte do corpo, a mente continua a existir em sua totalidade. Carece de sentido afirmar que ela é menor ou maior ou que parte dela deixa de existir ou se separa do corpo, devido às alterações sofridas por este. Ela só se retira dele quando o calor-fogo, que serve para mantê-lo vivo, cessa e os órgãos que auxiliam na movimentação se deterioram, causando, então, a sua falência.

De acordo com Descartes (1999b, p. 123, Art. 30), “[...] a alma está ligada ao corpo todo, e não se pode propriamente dizer que se localize em qualquer de suas partes com a exclusão de outras [...]. Embora unida ao físico, a mente não se encontra em uma só parte dele, isto é, somente no braço, ou somente na perna. Na perspectiva cartesiana, ela está ligada ao corpo e, ao mesmo tempo, é independente dele.

Para atribuir a característica da mente como uma substância pensante, é necessário analisar algumas razões que levaram Descartes (1999c) à evidência da sua existência. Um dos objetivos deste pensador era alcançar um conhecimento científico, ou seja, verdades incontestáveis, necessárias, acerca do mundo. Para atingir esse objetivo, ele utiliza como método a dúvida, que consiste em colocar em suspeita tudo aquilo que não for seguro, claro e distinto. Ele duvidaria, inclusive, em princípio, do próprio sujeito do conhecimento, visto que até a mente poderia enganá-lo, de forma a confundir-lhe realidade com ilusão. Ao duvidar sistematicamente de tudo com vistas a distinguir o verdadeiro do falso, forjou a dúvida metódica.

Depois de um processo reflexivo, Descartes (1999a; 1999b) conclui que os sentidos não são fontes confiáveis do conhecimento. Eles nos enganam. Como o conhecimento revela as coisas tal como elas realmente são, os objetos referentes ao mundo físico, que se apresentam por meio dos sentidos, são passíveis de incertezas.

Entretanto, existem ideias cuja origem não está relacionada aos sentidos e que parecem se apresentar com grande clareza, tais como as da matemática, referentes às figuras e aos números, por exemplo. Elas são concebidas por todos da mesma maneira; independem de qualquer impressão sensorial de um indivíduo, de modo a constituírem a base do pensamento.

Mantendo-se fiel ao seu ceticismo metodológico, seguindo sua cadeia reflexiva, o filósofo põe em xeque também as ideias matemáticas, por meio do argumento da possibilidade da existência de um gênio maligno. Assim, a dúvida tornou-se hiperbólica, aplicada ao extremo. Nas palavras de Descartes (1999c, p. 255):

Presumirei, então, que existe não um verdadeiro Deus, que é a suprema fonte de verdade, mas um certo gênio maligno, não menos astucioso e enganador do que poderoso, que dedicou todo o seu empenho em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, cores, figuras, sons e todas as coisas externas são apenas enganos de sonhos que ele arquitetou para engodar meu juízo. Considerarei a mim mesmo como não tendo mãos ou olhos ou carne ou sangue ou sentidos, mas falsamente acreditando possuir todas essas coisas [...].

O simples fato de duvidar das intenções de um deus ao qual era totalmente vulnerável foi, para Descartes (1999c, p. 258), a garantia de sua própria existência: “[...] não há, então, dúvida alguma de que existo, se ele me engana; e, por mais que me engane, nunca poderá fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa [...]”. Ainda que sua existência fosse manipulada pelo Gênio Maligno, ela seria evidente. A partir disso, obtém a sua primeira certeza: “Eu sou, eu existo”.

Depois de assegurada a sua existência, o filósofo conclui que, para existir, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material, ou seja, independe do espaço. Daí, obtém, com clareza, ser uma coisa que pensa. Esta idiosincrasia da substância pensante é o que a difere da substância extensa. Mas, o que seria algo que pensa? Responde Descartes, (1999c, p. 269): “É uma coisa que duvida, que concebe, afirma, nega, que quer, que não quer, que imagina, que sente”.

Ao chegar à conclusão de que era uma coisa pensante, o filósofo ainda mantém-se cético com relação à existência das coisas externas a ele, inclusive com relação ao seu próprio corpo, que se apresentava por meio dos sentidos, da mesma forma que outros corpos, como a terra, o céu, os astros, mesas e cadeiras, por exemplo. Na sexta e última meditação, Descartes (1999c) recupera a garantia da existência do mundo físico, passível de conhecimento objetivo, externo e independente do “Eu”, do sujeito pensante, além de concluir que corpo e mente possuem natureza distintas.

A existência da mente, e sua independência do físico, foi, assim, uma das evidências obtidas por Descartes (1999c, p. 320):

[...] pois, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e sem extensão, e que, de outro tenho uma ideia distinta de corpo, na medida em que é somente algo com extensão e que não pensa, é certo que este eu, ou seja, minha alma, pela qual sou o que sou, é completa e indiscutivelmente distinta de meu corpo e que ela pode existir sem ele.

Uma vez concebida a natureza da mente e suas diferenças e relações com o corpo, o filósofo conclui que devemos atribuir a ela certas ações e paixões, consideradas espécies de pensamento, das quais tratamos a seguir.

### **3. As ações e as paixões da mente**

Para Descartes (1999b), os estados e faculdades mentais, ou seja, o pensamento, dividem-se em duas espécies: ações e paixões. Tudo que está ligado às nossas vontades são as suas ações. Em contraponto, as paixões são espécie de percepção ou conhecimento existente em nós, elementos passionais, muitas delas causadas pelos movimentos físicos. No que se segue, explicitamos estas duas espécies de funções da mente e suas respectivas divisões.

Além dos pensamentos ligados à cognição, como duvidar, conceber, raciocinar, negar, outra parte ativa da mente é a vontade, entendida como o querer, o buscar algo. Ela pode ser dividida em duas espécies: as que terminam na mente e as que terminam no corpo. As primeiras são aquelas independentes de algo material. Agem e terminam na mente, como quando buscamos amar a Deus ou queremos aplicar o pensamento a uma

entidade não material como um conceito ou um anjo, exemplifica o filósofo. Já as ações que terminam no corpo são os querereres cujo resultado é um efeito no físico, a exemplo da vontade de caminhar, que produz, dentre outras coisas, o movimento das pernas.

Se, por um lado, a mente possui uma parte ativa, que pode provocar algo, seja físico ou mental, por outro lado, possui componentes passivos, denominados paixões. Elas se caracterizam por serem produzidas, por ser um resultado ou o efeito de algum movimento em qualquer das duas substâncias. São divididas em duas categorias: as que têm a mente como causa e as que têm o corpo como causa.

Aquelas paixões cuja causa exclusiva é a mente podem ser oriundas das ideias ou das fantasias. As originárias das ideias ou da vontade são as apreensões da própria mente, como, por exemplo, a vontade de contemplar a onipotência divina, que causa no sujeito a contemplação de algo imaterial. Já as paixões originárias das fantasias ocorrem quando a mente é posta a imaginar algo inexistente no mundo, como, por exemplo, um dragão, um palácio encantado ou uma quimera. Em ambos os casos, a contemplação do objeto, um movimento passional da mente, foi causado por ela própria.

As paixões que têm o corpo como causa dividem-se em duas espécies: as oriundas das fantasias e as oriundas dos nervos. As oriundas das fantasias são aquelas nas quais seus objetos não são existentes na realidade. Como afirma Descartes (1999b, p. 118, Art. 21) “[...] são assim as ilusões de nossos sonhos e também os devaneios a que nos entregamos estando muitas vezes acordados [...]”. Diferentemente das paixões oriundas da fantasia que tem a mente como causa, estas possuem como causa o cérebro. As representações dos objetos neste órgão produzem emoções como o medo, por exemplo, a partir de algo fantasiado.

As paixões oriundas dos nervos dividem-se em três espécies: aquelas relacionadas aos objetos fora do corpo, aquelas relacionadas a ele e, por fim, aquelas relacionadas à mente. As paixões que se relacionam com os objetos fora do corpo, captadas pelos sentidos, seriam sensações, como as qualitativas, próprias de cada indivíduo. Podemos mencionar como exemplo a sensação do sabor ou da cor de algo. Conforme Descartes (1999b, p.119, Art. 23):

Aquelas que atribuímos a coisas que existem fora de nós, aos objetos de nossos sentidos, são causadas, ao menos quando nossa opinião não é



falsa, por esses objetos que, ao ocasionar alguns movimentos nos órgãos dos sentidos externos, os ocasionam também no cérebro mediante os nervos, os quais fazem com que a alma os sinta.

Já as paixões relacionadas ao corpo, oriundas dos nervos, são aquelas causadas pela própria funcionalidade física, muitas delas relacionadas à manutenção da vida, como a fome, a sede, a dor ou o calor. Ainda que sejam paixões da mente, ou seja, encontram-se unicamente nela, dependem do corpo e se manifestam em alguns de seus membros, sem mediação dos objetos existentes fora de nós. Como exemplifica Descartes (1999b, p. 120, Art. 24), “[...] podemos sentir ao mesmo tempo, e por meio dos mesmos nervos, a frieza da nossa mão e o calor da chama da qual ela se aproxima, ou então, ao contrário, o calor da mão e o frio do ar a que está exposta [...]”. Nesse sentido, as sensações de calor e de frio assimilam-se diretamente com a mente, e não com o objeto externo, a chama, no caso deste exemplo. Por estarem relacionadas ao físico, entidades apenas mentais, como os anjos, não apresentam estas paixões. (No âmbito ontológico, Descartes não é exatamente um dualista, pois aceita uma tríade, ou seja, três tipos de substâncias, ou, mais propriamente, de entidades: (i) material, como é o caso dos animais, (ii) imaterial, como é o caso dos anjos e (iii) uma espécie de substância que seria algo tipo a união da matéria e da mente, como é o caso particular do ser humano).

Por fim, existem as paixões que se relacionam apenas com a mente, ou seja, cujos efeitos são sentidos somente nela própria, tais como alegria, cólera e amor. Embora sejam causadas pelos espíritos animais oriundos do corpo e, muitas vezes, relacionadas aos objetos externos, no caso do ser humano, essas paixões se referem ou são sentidas de modo exclusivo na mente. Não sentimos alegria no braço, como poderia ser no caso das paixões relacionadas ao corpo, ou na rosa, como poderia ser nas paixões relacionadas aos objetos externos. A alegria é sentida, percebida, na própria mente, ainda que possa ser originada, inicialmente, pela observação de uma rosa.

As paixões oriundas dos nervos relacionadas à mente são as que Descartes (1999b,) chama de paixões no sentido estrito do termo, a serem investigadas por ele. Para Descartes, (1999b, p. 122, Art. 27):

Após haver examinado no que as paixões da alma divergem de todos os seus outros pensamentos, julgo que podemos em geral defini-las por percepção, ou sentimentos, ou emoções da alma, que atribuímos

particularmente a ela, e que são provocados, sustentados e fortalecidos por algum movimento dos espíritos.

Grosso modo, esta é a concepção cartesiana de paixões, analisadas em subdivisões. Somos capazes de apreender as emoções vantajosas, de modo a buscar rechaçar as que causam malefícios. Paixões como alegria, tristeza, amor, ódio etc, podem atuar no corpo, causando-lhe alterações fisiológicas, benéficas ou maléficas. De acordo com Borges (2013, p. 14), a mente

[...] é que contribui nas ações da conservação do corpo por ser ela a perceber a dor, produzindo, então, tristeza, ódio e o desejo de dela se livrar. Da mesma maneira a alma percebe e traduz o que é bom ao corpo. Entretanto, algumas podem ser maléficas, de acordo com seu uso, com a significação dada à paixão, de forma que podem ser compreendidas de modo exagerado e conduzir a uma ação nociva ao corpo.

A seguir, tratamos do controle das paixões e como a mente e o corpo podem influenciar-se mutuamente, considerando o papel do hábito nesta relação.

#### **4. O controle das paixões mediante hábitos**

Para Descartes (1999b), o domínio das paixões acontece, inicialmente, através da razão, por meio de artifícios cognitivos, num processo analítico, reflexivo. Para explicar esta concepção, imaginemos, por exemplo, uma situação em que um animal dócil corre em minha direção. Devido à natureza, suponhamos, medrosa da minha mente, e por conta de sua conexão com o físico, os nervos ópticos automaticamente são estimulados a movimentar os espíritos animais e a glândula pineal de tal modo a produzir na mente a percepção do animal observado, possivelmente já estimulada mecanicamente no cérebro, por meio da representação do objeto gravada nele, causando a paixão do medo. Por conta da minha inclinação covarde, tal paixão seria acompanhada do desejo de fugir do animal, que causaria o movimento físico da fuga. A mente, no entanto, baseada na reflexão, na razão, conclui pela desnecessidade da fuga deste animal inofensivo, considerando que a atitude contrária não trará malefícios físicos ou paixões ruins. Assim, por meio da vontade de controlar a paixão do medo, seguindo a razão, provoca certos movimentos na glândula,

a fim de distribuir os espíritos animais aos membros relacionados ao movimento do corpo de forma a não fugir do dito animal.

O exemplo acima ilustra uma situação em que a mente exerce influência sobre o corpo e sobre ela própria, ao perceber a inconveniência de uma emoção. No entanto, ter somente a vontade de não sentir medo do animal inofensivo não é suficiente para não senti-lo, do mesmo modo que não se perde peso apenas com a vontade de emagrecer. Conforme Descartes (1999b, p. 132, Art. 45),

[...] para estimular em nós a ousadia e eliminar o medo, não basta termos a vontade de fazê-lo, mas é necessário considerar as razões, os objetos ou os exemplos que nos convencem de que o perigo não é grande, de que é sempre mais seguro defender-nos do que do que fugir [...].

A principal conduta para eliminar o medo, ou não ceder a ele quando desnecessário, é a representação de sentimentos opostos a tal paixão. Essa representação impulsionará a glândula pineal e, conseqüentemente, os espíritos animais, a se moverem de maneira contrária ao movimento causador do medo.

A mente pode perceber que certas paixões são maléficas e tentar controlá-las ou eliminá-las, a elas e aos movimentos físicos indesejáveis que lhe são relacionados. Todavia, nas paixões mais agressivas ou maléficas, é necessário um esforço redobrado para obter o controle, exigindo uma resistência muito maior da vontade.

As paixões, além de causadas, são também mantidas e fortalecidas por algum movimento especial dos espíritos animais. Essa afirmativa cartesiana é, em tese, o motivo que nos impede, por vezes, de modificar ou deter rapidamente nossas emoções. Visto que algumas delas estão relacionadas com o calor ou movimento formado no coração, causado pelos movimentos dos espíritos animais, enquanto o sujeito não adquirir o domínio sobre essas emoções, elas tendem a prevalecer e a continuar como pensamentos latentes. De acordo com Descartes (1999b, p. 133, Art. 46):

[...] o máximo que a vontade pode fazer, enquanto essa emoção subsiste, é não aprovar seus efeitos e reter muitos dos movimentos aos quais ela dispõe o corpo. Por exemplo, se a cólera faz erguer a mão para bater, a vontade pode em geral retê-la, se o medo estimula as pessoas a fugir, a vontade pode detê-las, e assim por diante.

Na concepção cartesiana, possuímos inclinações, tanto físicas quanto mentais, que, muitas vezes, nos conduzem a certas ações. Tais propensões podem ser estabelecidas pela natureza ou pelo hábito. O que é estabelecido por natureza já nasce conosco. Podemos, por exemplo, nascer com propensão a agir de maneira agressiva ou de sermos demasiadamente medrosos. Aquilo que nasce conosco, e que não é substancial, pode ser alterado, ou seja, é contingente. Podemos deixar de ser agressivos ou medrosos, como já explicamos no exemplo acima do cão inofensivo. Conforme Descartes (1999, p.137, art. 50):

Convém, também saber que, apesar de os movimentos, tanto da glândula como dos espíritos e do cérebro, que representam à alma certos objetos serem naturalmente unidos aos que provocam nela certas paixões, podem, por hábito, ser separados destes e unidos a outros muito diferentes, e, até mesmo, que esse hábito pode ser adquirido por uma única ação e não requer longa prática.

Estas predisposições adquiridas depois do nascimento são os hábitos, que podem ser físicos ou mentais. Com base em passagens d'As Paixões da Alma tais como os Artigos 44, 50, 78, por exemplo, poderíamos conceituar o hábito como uma disposição ou inclinação do corpo para uma ação, neste caso hábito físico, ou da alma para uma ação ou paixão, neste caso, hábito mental. Conforme explica Descartes, em carta a Elisabeth, de 15/9/1545, os hábitos físicos seriam as repetições mecânicas do corpo. Ao contrário da natureza, tais disposições são adquiridas depois no nascimento e podem ser alteradas, constituindo-se novos hábitos, ou fortalecidas ao longo do tempo.

Alguns hábitos podem ser alterados com mais facilidade que outros, como exemplifica Descartes (1999b, p. 138. art. 50),

[...] quando encontramos inesperadamente uma coisa muito suja num alimento que estamos comendo com apetite, a surpresa do achado pode mudar de tal maneira a disposição do cérebro que, em decorrência disso, passamos a ver esse alimento com horror, embora até então o comêssemos com prazer.

O hábito físico tem como fundamento fortalecer, ou modificar os movimentos físicos, tanto nos humanos quanto nos outros animais. Nos animais não humanos, o hábito fortalece os movimentos dos nervos e dos músculos. Já nos seres humanos, além disso, os

movimentos da glândula e dos espíritos animais têm como fundamento alterar ou fortalecer certas paixões.

É possível alterar os movimentos dos espíritos animais do cérebro de um cão, por exemplo, fazendo-os alterar seus movimentos físicos diante de certos estímulos, como diz Descartes (1999b, p. 138, art. 50):

Portanto, quando um cão vê uma perdiz, é naturalmente estimulado a correr em sua direção, e, quando ouve um tiro de um fuzil, tal ruído o impele naturalmente a fugir; porém, apesar disso, adestram-se comumente de tal forma os cães perdigueiros que a vista de uma perdiz os leva a deter-se, e o ruído que ouvem em seguida, quando alguém atira na perdiz, os impele a correr na direção dela.

Se corpos sem alma, como é o caso dos animais não humanos, podem ter alterados seus hábitos físicos, nós, seres dotados de razão e vontade, podemos e devemos controlar nossas emoções e ações, seguindo a virtude. O ser virtuoso é aquele que possui juízos verdadeiros acerca do bem e do mal (do bem viver) e aplica a sua vontade em seguir tais juízos. O vício, ao contrário, se caracteriza pela ignorância ou pela fraqueza da vontade.

As mentes fortes, ou virtuosas, são capazes de controlar as suas paixões, em particular, os seus desejos, e, assim, os movimentos físicos, em um embate contra o corpo e contra ela própria. Apesar das mentes fracas ou viciosas não possuírem juízos claros e distintos acerca do bem e do mal ou não aplicarem a sua vontade em segui-los, não existem mentes tão fracas que, com um pouco de habilidade, não sejam passíveis de adquirir conhecimento e domínio de suas próprias emoções. Uma vez obtido o domínio das paixões, obter-se-á também o domínio de suas vidas. Isso pode demandar esforço, no anseio de fortalecer os bons hábitos e substituir os maus. Conforme Descartes (1999b, p.131, Art. 44):

A vontade de provocar em nós algum movimento ou algum outro efeito nem sempre pode levar-nos a consegui-lo; mas isso muda à medida que a natureza ou hábito tenham diversamente unido cada movimento da glândula a cada pensamento. Assim, por exemplo, se se quer olhar para um objeto muito distante, essa vontade faz com que as pupilas de nossos olhos se dilatam; e se se quer olhar para um objeto muito próximo, essa vontade faz com que nossas pupilas se contraíam [...].

Na citação acima podemos perceber a inexistência do controle direto sobre as paixões. É irrelevante ter somente a vontade de dilatar as pupilas, pois os movimentos da glândula não impulsionam os espíritos animais a tal ação, diferentemente daquele momento em que, ao falar, pensamos apenas no sentido do que queremos dizer. O ato de falar faz com que nos adaptemos de forma automática através do hábito e mexamos os lábios e a língua de forma eficaz, visto que o hábito que adquirimos de aprender a falar fez com que se aproximasse a ação da mente, que, mediante a glândula, pode mover a língua e os lábios. Para Descartes (1999b, p.130, Art. 40):

O principal efeito de todas as paixões nos homens é que estimulam e predispõem a alma a querer as coisas para as quais elas lhe preparam o corpo; de maneira que o sentimento de medo impele a fugir, o da ousadia a querer lutar, e assim por diante.

O vínculo entre a mente e o corpo, mais especificamente, entre o pensamento e os movimentos da glândula, também pode se dar através da natureza ou do hábito. Tal inclinação pode ser alterada através da aquisição de novos hábitos, eliminando disposições naturais ou habituais, ou fortalecidas com a sua repetição.

Os movimentos do corpo são guiados através da relação entre os espíritos animais, a glândula pineal e os movimentos dos nervos. Nem todos os males sofridos pelo corpo possuem a causa nele próprio, de forma exclusivamente mecânica, mas também o são causados pelas emoções. De acordo com Donatelli (1999, p. 135), “Um desajuste no corpo humano deve ser considerado não apenas sob o ponto de vista de seu mecanismo, mas também deve considerar o fato de sua união a uma alma [...]”.

Uma paixão bem regulada tende a contribuir na conservação e na saúde física. Os hábitos, por serem inclinações adquiridas, são os principais responsáveis pelo controle e fortalecimento do domínio das emoções. É através da inteligência e da vontade, juntamente com o hábito, que uma paixão nociva será controlada. Assim, o controle das emoções e das ações depende da conexão entre corpo e mente, da qual tratamos a seguir.

## **5. A conexão entre mente e corpo**

Sob a ótica cartesiana, o físico e o mental estão em constante interação. Como exemplificam Alves e Marques (2015, p. 167), “[...] um corte no dedo, por exemplo, pode causar certa angústia. Já uma depressão ou ansiedade pode causar cálculo biliar [...]. Na perspectiva dualista em questão, o corte no dedo e o cálculo biliar são considerados algo físico, enquanto a angústia e a depressão são algo não-físico. A questão consiste na explicação de como duas substâncias distintas, uma material e outra imaterial, poderiam interagir, estabelecendo conexões entre si. Tal questão faz parte do que ficou conhecido posteriormente como o problema da relação mente-corpo.

Na concepção cartesiana, tal relação não constitui um problema para sua abordagem, mas apenas uma questão passível de resposta. Para Descartes (1999b, p. 124, Art. 31), a conexão entre elas “[...] acontece através da principal sede da alma, que é uma pequena glândula localizada no meio do cérebro chamada glândula pineal [...]”. Ela é quem recebe os espíritos animais oriundos do corpo. Essa diminuta glândula assemelha-se a uma espécie de meio termo entre o físico e o mental, na qual ambos devem manter um ajuste para que os males causados um sobre o outro sejam impedidos ou controlados, a fim de buscar o bem viver. Para Descartes (1999b, p. 124, Art. 32),

A razão que me convence de que é impossível que a alma tenha, em todo o corpo, algum outro lugar, a não ser essa glândula, onde exerce diretamente suas funções, é que considero que as outras partes do nosso cérebro são todas duplas, assim como temos dois olhos, duas mãos, duas orelhas, enfim, todos os órgãos de nossos sentidos externos são duplos; e que, tendo em vista que temos um único e simples pensamento sobre uma mesma coisa ao mesmo tempo, é forçoso que exista algum lugar onde as duas imagens que nos vêm pelos dois olhos, onde as outras duas impressões que recebemos de um só objeto pelos duplos órgãos dos outros sentidos, possam juntar-se em uma antes de chegar a alma, para que não lhe representem dois objetos em vez de um só.

Embora, no cartesianismo, a mente esteja unida à totalidade do corpo, é nessa pequena glândula, e não no cérebro como um todo, que ela exerce diretamente suas funções. As impressões causadas na glândula em concordância com os movimentos dos nervos causados pelos espíritos animais chegarão até a mente como sentimentos, percepções, emoções.

A glândula pineal é composta de uma matéria muito flexível e não está por inteira unida à substância do cérebro, mas apenas ligada a pequenas artérias (cujas peles são muito moles e flexíveis). De acordo com Descartes (2009, p. 369), “[...] ela está sustentada em equilíbrio pela força do sangue que o calor do coração impele para ela [...]”. Devido à sua localização e formato, ela pode ser continuamente inclinada para diferentes lados, conforme a velocidade, quantidade, formato dos espíritos animais que a atingem. Esta inclinação fará com que as pequenas partículas sanguíneas, ou seja, os espíritos animais, que dela saem, sejam direcionados ao cérebro de diversas maneiras, provocando os mais variados movimentos físicos e mentais.

Além do cérebro, outro candidato igualmente eliminado como sede da mente é o coração. Intuitivamente, ele parece ser o elo entre o físico e o mental pelo fato de sentirmos nele fortes alterações quando experimentamos as paixões. Ao receber uma boa notícia ou ao levar um susto, por exemplo, sentimentos de alegria ou medo relacionados a estes eventos fazem com que nosso coração pulse descompassadamente. Essa alteração nos batimentos cardíacos, porém, não é considerada, para Descartes, motivo para atribuir ao coração a sede da mente ou das paixões. De acordo com Descartes (1999c, p. 330):

[...] quando sinto uma dor no pé, a medicina me ensina que esse sentimento se comunica por intermédio de nervos disseminados no pé, que estão estendidos como cordas desde este lugar até o cérebro.

Embora a dor pareça estar no pé, de fato ela não está nele, mesmo tendo sido ali originada. É possível, inclusive, sentir dor no pé mesmo depois dele ter sido amputado. Com base nessa analogia, conclui-se que o coração é apenas a manifestação ou um órgão que propicia os meios para o surgimento das paixões sem ser, no entanto, a sede da mente.

Em suma, no pensamento cartesiano, os prazeres pertencentes à mente e ao corpo dependem, em grande medida, das paixões e da união entre ambos. Cabe ao sujeito adquirir e sustentar bons hábitos e, a partir destes, obter a sabedoria para controlá-las. A sabedoria é um dos principais elementos para se ter uma vida virtuosa, ou seja, do conhecimento do bem e da aplicação da vontade em segui-lo. É através da virtude que nos tornamos conhecedores das paixões e aprendemos a governá-las com habilidade. Desse modo, os males decorrentes das emoções nos serão suportáveis. A seguir, para finalizar este trabalho, expomos algumas críticas a esta abordagem exposta até o momento.



## **6. Considerações finais**

Como procuramos mostrar, na concepção cartesiana, corpo e mente e, em particular, emoções e ações, possuem, ainda que indiretamente, no caso destas últimas, poderes causais entre si. À ocorrência de resultados positivos ao bem viver, é aconselhável alimentar e sustentar uma paixão ou uma ação, através da criação, sustento, fortalecimento ou eliminação de hábitos físicos ou mentais. Apesar da mútua interferência entre as duas substâncias, diversos movimentos corpóreos, os involuntários, podem ocorrer sem o auxílio ou influência do pensamento.

Para Descartes, todo bem e todo mal da vida dependem, em boa parte, da união substancial entre mente e corpo. A questão consiste em explicar como algo imaterial pode exercer ou sofrer influência de algo físico. Como procuramos mostrar, na perspectiva cartesiana, a conexão entre as duas substâncias ocorre através da glândula pineal, por meio dos espíritos animais. No entanto, o problema se mantém, dado que tal glândula e tais espíritos também são de natureza física. Descartes não esclarece como algo físico pode estabelecer relações causais com algo não-físico, sem que isto afete o funcionamento do universo como um todo.

Muitas foram as tentativas de resposta ao problema da relação mente-corpo. No século XX, especialmente, novas áreas de pesquisa como algumas subáreas da Psicologia, Inteligência Artificial, Neurociências, Filosofia da Mente começaram a tratar da questão. Esta última teve seu início, como disciplina independente, com objeto de estudo, método e metodologias próprios, no final da primeira metade do século passado. Poderíamos dizer que o ano de fundação da Filosofia da Mente foi 1949, com a publicação de “The concept of mind”, de Gilbert Ryle. O próprio Ryle (1949) dirige uma série de críticas ao dualismo substancial, visando minar completamente os seus fundamentos. Ele apresenta uma perspectiva em que procura explicar a ocorrência de processos mentais e sua relação com a ação a partir de conceitos como os de hábito e habilidade. Como explicita Alves (1999), dentre as abordagens que tentam resolver ou dissolver o problema da relação mente-corpo, encontramos os diferentes dualismos, behaviorismos, fisicalismos, funcionalismos, o naturalismo biológico.

Associado ao problema da relação mente-corpo, outra questão passível de crítica na abordagem cartesiana diz respeito ao conjunto de razões oferecidas como critério para atribuição de pensamentos, em especial, de emoções, aos seres. Em geral, os argumentos envolvem conteúdos exclusivamente metafísicos, basicamente especulativos. Em tese, o critério para a posse de pensamento em uma entidade é a presença de uma alma.

Não discordamos que pressupostos metafísicos costumam apresentar um papel decisivo na construção e aceitação de paradigmas científicos e, em particular, de teorias, mesmo as das ciências empíricas. Nossa observação diz respeito à dificuldade em aceitar a preponderância da metafísica como critério para a existência de pensamento em uma entidade. Por vezes, o próprio Descartes utiliza exemplos, como o do papagaio, no argumento da linguagem, a fim de mostrar que animais não humanos não são dotados de pensamento, ainda que assim aparentem. No entanto, tais pretensas evidências cartesianas sobre a existência ou não de pensamento nessas entidades, e mesmo em humanos, não escapam ilesas de argumentos como o das outras mentes ou o referente ao problema dos *qualia*.

Embora concordemos com alguns pontos da postura cartesiana no que diz respeito à possibilidade de controle das ações, ou seja, os movimentos do corpo, e das emoções, ou seja, as paixões da alma, alguns elementos parecem ser de difícil defesa. Um deles diz respeito à possibilidade de controle das emoções e das ações a partir da aplicação da vontade e da razão. Concordamos que estes dois elementos possuem grande relevância para o referido controle, mas estão longe de serem suficientes para tal empreitada. Outros fatores, como ambiental, social ou cultural, podem ser decisivos para a alteração, manutenção ou fortalecimento de hábitos. Assim, por exemplo, meio ambientes muito frios e sombrios podem ser facilitadores de depressão e até causa de suicídio em algumas pessoas. Não seria suficiente, embora importantes, nestes casos, a força da vontade e da razão para o controle das emoções e de certas ações.

Fatores sociais, como certas normas, convenções, *status*, também possuem enorme poder de impacto no fortalecimento ou manutenção de hábitos, especialmente nos seres nos quais eles ainda estão sendo definidos. Dada a interferência destes fatores na sua fixação, a incapacidade de um indivíduo em controlar suas emoções e ações não teria como causa a fraqueza de sua mente, como sugere Descartes, mas, também, o fato de deixar de considerar

outras variáveis para tal incapacidade. Um tratamento psicossomático, frequentemente, exige a consideração do meio ambiente, extrapolando a mera análise psicofísica.

Outro ponto passível de discordância da abordagem cartesiana refere-se ao caso de que nossas emoções nem sempre estão ao nível da consciência. Assim, nossas ações e emoções podem ser guiadas por pensamentos dos quais não somos cientes. Segundo abordagens como a psicanálise Freudiana, por exemplo, muitas de nossas ações estão baseadas em conhecimentos, informações, crenças, desejos, emoções que se encontram ao nível do inconsciente, permanecendo “escondidas” por motivos emocionais ou traumáticos. Assim, muitas emoções não seriam simples percepções, sentimentos apreendidos mentalmente através da autoconsciência, da introspecção imediata. A capacidade de distinguir, estar atento, reconhecer, de alguma maneira, por parte da mente, o que está nela própria, ou de trazer ao nível da consciência o que está ao nível inconsciente, demandaria, em geral, um longo tratamento psicoterapêutico de autoconsciência, que não depende apenas de uma cadeia reflexiva, racional. Nesse contexto, a superação de certas emoções e ações não seria resultado pura e simplesmente da aplicação da vontade e da razão, mas também da imersão e compreensão de sua própria história, vivência e experiência.

Algumas descobertas em neurociências atualmente também corroboram a concepção de que muitas de nossas ações ou emoções são fortemente influenciadas por fatores que se encontram em partes internas, em camadas “escondidas” do cérebro. Elas seriam sustentadas, causadas ou processadas por neurônios de natureza distinta daqueles responsáveis pela consciência ou pelos pensamentos conscientes.

No contexto das neurociências, ao contrário da proposta psicanalítica, no entanto, certos pensamentos, emoções são inacessíveis não porque nosso aparelho psíquico tenta esconder memórias e impulsos indesejados, mas por conta da própria estrutura e funcionamento do cérebro. Isso, inclusive, é fundamental para o bom desempenho de nossas atividades e sobrevivência no meio ambiente. Nesse contexto, busca-se mostrar que o cérebro tende a mecanizar as atividades já fortalecidas pelo hábito. Assim, por exemplo, não precisamos pensar, raciocinar, para tomar decisões quando realizamos atividades com as quais já estamos habituados, como a de dirigir, para motoristas experientes. Este recurso de automatização também é útil em fatores essenciais para a sobrevivência, como sentir medo ao se deparar com um perigo, afastando-se dele, ou sentir dor em um desconforto

físico, por exemplo. Esse funcionamento em segundo plano cerebral, em camadas internas, nos libera da necessidade de um processamento de informações das atividades habituais, facilitando a tomada de decisões mais rápida, garantindo-nos a sobrevivência e liberando espaço para a tomada de decisão em outras atividades que exigem algum tipo de processamento informacional.

A postura psicanalítica e a das neurociências, apesar de suas diferenças, ilustram que a abordagem cartesiana apresenta falhas ao pressupor que as emoções se encontram ao nível da consciência, como percepções da mente, ou que são acessíveis a partir da autoconsciência ou da introspecção imediata, direta. Aliado ao fato de que fatores como o ambiental também exercem influências em nossas emoções e ações, diríamos que a abordagem sugerida por Descartes, embora contenha acertos, não se mostra totalmente satisfatória para o tratamento das emoções e ações. Embora vontade e razão possuam papel relevante para tanto, não são os únicos a serem considerados para o gerenciamento do bem viver.

Por fim, acreditamos que o bem viver nem sempre consiste no controle das paixões, de acordo com a razão, não raro, falha em suas pretensas verdades. Muitas vezes uma convivência mental pacífica com certas emoções, aparentemente indesejadas, por certo tempo, inclusive contrariando ou contradizendo a própria razão, pode propiciar a sua superação, dada a sua conveniência. A tentativa de controle de certas emoções pode, por vezes, acentuar a sua inclinação, tendendo à cristalização do hábito, gerando dor e sofrimento, em vez de alívio e saúdes física e mental. Afinal das contas, a emoção, com alguma frequência, costuma ter razões incompreensíveis ou inacessíveis à própria razão.

## **Referências**

ALVES, M. A; MARQUES, L. C. O problema mente corpo e as propriedades dos fenômenos mentais segundo Searle. *Jornadas Filosóficas Internacionais de Lisboa 2015: Filosofia & Atualidade*. 1ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2015, p. 167-178.

ALVES, M. A. *Mecanicismo e inteligência: um estudo sobre o conceito de inteligência na ciência cognitiva*. 1999. 301 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1999.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Editora Loyola: São Paulo-SP, 2005.

ARISTOTELES. *De Anima*, São Paulo-SP: Ed. 34, 2006.

- DESCARTES, R. *Discurso do Método*. São Paulo-SP: Editora; Nova Cultural, 1999a. (Coleção Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. *Paixões da Alma*. São Paulo-SP: Editora; Nova Cultural 1999b. (Coleção Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. *Meditações Metafísicas*. São Paulo-SP: Editora; Nova Cultural, 1999c. (Coleção Os Pensadores)
- DONATELLI, M. F. O Estudo da Medicina em Descartes. *Ideação*. Feira de Santana, n. 4, p.125 – 140 jul./dez. 1999.
- RYLE, G. *The concept of mind*. New York: Barnes and Noble, 1949.